

CONCURSO PÚBLICO PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS – MA

CARGO 10: PROFESSOR NÍVEL SUPERIOR PNS-A ESPECIALIDADE: LÍNGUA PORTUGUESA

PROVA DISCURSIVA – QUESTÃO 1

Aplicação: 5/2/2017

PADRÃO DE RESPOSTA DEFINITIVO

Em linhas gerais, o candidato deve abordar a questão da variação linguística, correlacionando-a à identidade cultural do povo e ao preconceito linguístico, e deve abordar como o professor deve tratar a diversidade linguística no contexto escolar.

Variação linguística e preconceito linguístico são dois conceitos basilares para a sociolinguística, ramo da linguística que estuda a importância dos dialetos e registros e suas contribuições para a formação da identidade cultural de um povo.

Um país com dimensões continentais como o Brasil jamais apresentaria uma uniformidade na modalidade oral da linguagem, o que pode ser comprovado mediante a análise dos diferentes sotaques e dialetos encontrados nas cinco regiões do país. Cada grupo social utiliza um vocabulário específico, que evidencia suas idiosincrasias e revela sua cultura e história.

A diversidade linguística não se restringe a determinações motivadas por origem sociocultural e geográfica. Existem fatores históricos, culturais e sociais que explicam as variedades linguísticas, tais como processos de aquisição cultural, ocupações de lugares geográficos, idade, sexo, posições sociais, níveis de escolaridade, entre outros. Um mesmo indivíduo pode alterar entre diferentes formas linguísticas de acordo com as circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo-se o contexto social, propriamente dito, o assunto tratado, a identidade social do interlocutor etc.

Muitas pessoas, infelizmente, desconhecem a importância das variações linguísticas e, equivocadamente, dividem os falantes da língua portuguesa em dois grupos: aqueles que falam bem o português e aqueles que o falam mal. Dessa divisão simplista, surge o preconceito linguístico. Conforme definição do dicionário Houaiss, preconceito linguístico “é qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, por exemplo, a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos”. Quando se apontam os “erros” de português de outros falantes, sobretudo daqueles inferiorizados por algum motivo ou fato histórico, faz-se da língua um instrumento de discriminação social, privilégio daqueles que conhecem a variedade padrão e que, portanto, sabem fazer o uso “correto” das regras gramaticais.

No contexto educacional formal, é preciso ser poliglota na própria língua e entender que as normas não cultas não devem ser objetos de preconceito, mas devem, sim, ser respeitadas como elementos importantes da comunicação. O preconceito linguístico, que apenas serve para oprimir falantes que tiveram menos acesso aos saberes disseminados nas escolas e academias, deve ser questionado e combatido. As variedades linguísticas existem e precisam ser respeitadas, e o seu uso não deve ser considerado errado: são maneiras diferentes de se falar a mesma língua, e sua utilização não prejudica o entendimento.

É preciso respeitar os dialetos e registros como parte da identidade cultural de um povo. O falante deve, sim, ter bom senso ao adequar o discurso às diversas situações de comunicação e interlocução.